ETHOS E MEMÓRIA NO POVOADO DO PEIXE: NARRATIVAS SOBRE PATRIMÔNIO, ORIGEM E IDENTIDADE COMUNITÁRIA

Ana Clara Sousa do Nascimento
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-2718-8506
Endereço eletrônico: clara25nascimento@gmail.com

Renan Paulo Bini
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9076-6864
Endereço eletrônico:renan.bini@uesb.edu.br

Ivone Vieira da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0000-6865-7058
Endereço eletrônico:ivecbjr.piata@gmail.com

Palavras-chave: *ethos*; memória coletiva; narrativas orais; patrimônio cultural; Povoado do Peixe

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga como narrativas orais, escritas, visuais e audiovisuais sobre o casarão, a igreja católica, a escola, as festas, os registros fotográficos, as figuras fundadoras e as práticas comunitárias constroem imagens de valor sobre o Povoado do Peixe. O objetivo é analisar de que modo esses discursos produzem *ethé* de fé, trabalho, solidariedade, cuidado e enraizamento territorial, legitimando a memória coletiva e a identidade cultural da comunidade.

A comunidade do Peixe localiza-se no município de Lagedo do Tabocal, sertão baiano. Banhado pelo Rio Jiquiriçá, o povoado reúne, em média, 800 habitantes e se organiza em torno de espaços que ultrapassam sua dimensão física: o casarão, a igreja, a escola, a praça, a casa de farinha, o lajedão, a antiga entrada do povoado e o campo de futebol funcionam como suportes simbólicos de memória. A escolha do objeto nasce de uma experiência de pertencimento da autora 1, mas é deslocada para uma questão acadêmica: como uma comunidade rural narra a si mesma, valoriza sujeitos e transforma lugares em

patrimônio?

Do ponto de vista teórico, o estudo parte da Retórica. Desde Aristóteles (2017), o *ethos* constitui uma das provas de persuasão, relacionada à credibilidade daquele que toma a palavra. Em formulações contemporâneas, Amossy (2016) e Maingueneau (2016, 2020) compreendem o *ethos* como imagem de si produzida na e pela enunciação, mesmo quando o produtor não se descreve diretamente. Assim, a análise considera o *ethos* dos narradores, das pessoas lembradas e da comunidade, bem como a distinção entre *ethos dito*, explicitado em qualificações, e *ethos mostrado*, produzido pelas ações narradas.

A relevância social da investigação está na valorização do patrimônio material e imaterial do Povoado do Peixe. Ao registrar e interpretar relatos, documentos, fotografias e práticas culturais, o estudo contribui para que a memória local não seja tratada apenas como recordação afetiva, mas como prática discursiva de resistência aos apagamentos que frequentemente atingem comunidades rurais, seus sujeitos e seus modos próprios de produzir história.

METODOLOGIA

O estudo enquadra-se como pesquisa qualitativa, de base documental e de história oral, com análise retórico-discursiva. O *corpus* é composto pelo documentário e por sua transcrição, pelo texto “História do povo do Peixe”, por registros fotográficos, por relatos orais já mapeados e por documentos ou publicações comunitárias que tematizam a origem, a religiosidade, o trabalho, a educação, as festas e os lugares de memória do povoado. Esses materiais foram catalogados segundo data, suporte, autoria, contexto de circulação, tema central e vínculo com os espaços e sujeitos lembrados.

O *corpus* oral compreende relatos de moradores e sujeitos vinculados à memória local, entre eles Alaíde Nunes de Souza, Antônio de Sousa, Maria Meira, Reginalva Brito, Ivonete Meira, Maria de Mané, Odília Teles e José Messias. A análise ocorre em três movimentos articulados. Primeiro, foram identificados os fatos narrados e os núcleos temáticos recorrentes: origem do nome Peixe, fundação, doação de terras, construção da igreja e da escola, atuação de parteiras e professoras, festas religiosas, trabalho rural, casa de farinha, práticas esportivas, convivência nas casas e enraizamento no território. Em seguida, cada ocorrência foi deslocada de uma leitura apenas informativa para uma leitura pelo *ethos*,

perguntando-se: que imagem esse fato constrói, que valor faz circular e que ideia de comunidade ajuda a sustentar?

Também foram observados os níveis e os modos de construção do *ethos*. No plano dos narradores, interessa compreender como cada sujeito se apresenta como testemunha autorizada, participante da história ou guardião de lembranças. No plano das pessoas lembradas, analisam-se imagens atribuídas a figuras como Antônio Nunes, Maria Meira, Dona Zezé, Julieta e Dona Eugênia. No plano comunitário, examina-se a convergência dos relatos na produção de uma imagem coletiva do Peixe. O *ethos* dito é observado nas qualificações explícitas; o *ethos* mostrado, nas ações narradas, como doar terras, concluir a igreja, acompanhar partos, ensinar em condições precárias, organizar festas e reinscrever o território em práticas como o futebol.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por se tratar de pesquisa em andamento, apresentam-se resultados parciais e indícios analíticos construídos a partir dos materiais já mapeados. O primeiro resultado é a constatação de que o *ethos* está no próprio funcionamento das narrativas: os relatos não só informam acontecimentos, mas também atribuem grandeza, dignidade, autoridade e sentido a pessoas, lugares e práticas. Desse modo, a memória coletiva se organiza discursivamente, selecionando o que deve ser lembrado e como deve ser lembrado.

Uma primeira recorrência é o *ethos* da fé. A Igreja Católica, a festa de Nossa Senhora do Carmo, as missas, os leilões, a catequese, os grupos de liturgia, os homens do terço, a Legião de Maria, as rezas de São Cosme e São Damião, a Primeira Eucaristia e a Crisma apresentam a religiosidade como eixo estruturante da comunidade. No relato de Alaíde Nunes de Souza, a construção da igreja e do cemitério participa da origem material e simbólica do povoado. A segunda recorrência é o *ethos* do trabalho. Esse *ethos* aparece no trabalho rural, na casa de farinha, no esforço para estudar, na preparação das festas e nas narrativas sobre a educação. O relato de Antônio de Sousa associa a formação familiar e territorial à trajetória de esforço do pai, que veio do sertão, trabalhou, comprou terra e melhorou de vida aos poucos. Maria Meira recorda a vida na roça, marcada pelo plantio de feijão, cebola e mamona. Reginalva Brito formula uma imagem ética da docência ao dizer que “ser professor não é fácil” e que é preciso “força, resistência e coragem para continuar”.

A terceira recorrência reúne o *ethos* da solidariedade e do cuidado. Antônio Nunes é lembrado como figura de benfeitoria porque cedeu terrenos para escola, posto de saúde e praça. Maria Meira, ao narrar que ia quando chamavam, ajudava "no que fosse preciso" e ficava junto dando apoio, produz um *ethos* de disponibilidade, cuidado e autoridade popular. Também as rezas de São Cosme e São Damião, lembradas por Maria de Mané, e as reuniões em casas e na igreja, evocadas por Odília Teles, mostram que a solidariedade se constrói em grandes gestos e em práticas cotidianas de acolhimento. A quarta recorrência é o *ethos* do enraizamento territorial. No *corpus*, o lugar opera como componente da identidade. A origem do nome Peixe, vinculada à antiga Lagoa do Peixe, reforça a relação entre toponímia, memória e paisagem. A fala de Antônio de Sousa "Foi aqui que eu nasci. Foi aqui que eu cresci, vivi com meu pai, me casei e construí minha vida" mostra como a repetição de "foi aqui" transforma o território em fonte de pertencimento. O mesmo ocorre quando José Messias relata a escolha do nome Jequiriçá para o time de futebol em referência ao rio da região, até uma prática recreativa reinscreve a comunidade em sua paisagem.

Os registros fotográficos ampliam essa construção. Imagens do casarão de Antônio Nunes, da família Nunes de Souza, de Dona Zezé, das festas, da padroeira, da Primeira Eucaristia, da Crisma, dos times Palmeiras e Jequiriçá, da entrada do povoado, da antiga casa de farinha e do lajedão estabilizam visualmente o que a comunidade considera memorável. Esses resultados confirmam a importância de articular memória e *ethos*. Le Goff (1990) permite compreender que a memória se amplia pela linguagem e se materializa socialmente em relatos, escritos e imagens. Hall (2006), por sua vez, contribui para pensar a identidade como processo histórico e reconstruído. A análise retórica acrescenta que essa reconstrução depende de escolhas de dizer, de ênfases, de apagamentos e de valores compartilhados.

CONCLUSÕES

Os resultados parciais indicam que as narrativas sobre o Povoado do Peixe constroem uma imagem moral, afetiva e simbólica da comunidade. O casarão, a igreja, a escola, a casa de farinha, o lajedão, as festas, o futebol e as figuras lembradas funcionam como pontos de ancoragem da memória, por meio dos quais se legitimam valores de fé, trabalho, solidariedade, cuidado, doação e respeito aos antepassados. A identidade local não existe como essência fixa, mas é continuamente reafirmada por relatos, documentos, fotografias,

práticas culturais e formas de nomear o território. Ao mesmo tempo, a pesquisa evidencia que a memória é um campo de seleção, certos sujeitos, espaços e acontecimentos ganham centralidade porque ajudam a sustentar uma imagem valorizada do povoado.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 9-28.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução, textos adicionados e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso:** a construção do ethos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

PERAZZO, Priscila Ferreira. Narrativas orais de histórias de vida. **Comunicação & Inovação,** São Caetano do Sul, v. 16, n. 30, p. 121-131, jan./abr. 2015.